



“Eu não tinha visto por esse lado”¹

Gustavo de Aquino Munhoz ALBERGE²

Paula Yoshie Sanefuji WERNER³

Emerson de Castro Firmo da SILVA⁴

Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

A capa do livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” é composta por fotos de pessoas cegas e videntes com a intenção de mostrar que não há diferenças entre uns e outros. O livro-reportagem, por sua vez, é composto por sete perfis de pessoas cegas. A cegueira, por causa do desconhecimento, ainda gera visões equivocadas na sociedade acerca das limitações e capacidades dessas pessoas. Com esses perfis, pretende-se mostrar uma visão diferente desse tema expondo a história de vida dos personagens a partir do viés da igualdade. O objetivo é fazer com que o leitor repense sobre o assunto e perceba que pessoas cegas são iguais a todas as outras, que a limitação não faz de suas vidas menos participativas.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; livro-reportagem; cegueira; preconceito.

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, é necessário explicar que os autores deste projeto optaram por utilizar o termo “pessoa cega” ao longo de todo o projeto. Essa decisão foi tomada com base em estudo produzido por Romeu Kazumi Sassaki (2003), consultor de inclusão social e autor do livro “Inclusão. Construindo uma sociedade para todos”. O objetivo de Sassaki é orientar jornalistas e profissionais da educação que precisam falar ou escrever sobre pessoas com deficiência. Ele aponta os termos corretos para fazer referência a uma pessoa cega (cego, pessoa cega, pessoa com deficiência visual e deficiente visual). Para o autor, deve haver um cuidado na utilização da linguagem, pois é através dela que “se expressa, voluntariamente ou involuntariamente, o respeito ou a discriminação em relação às pessoas com deficiências”.

Apesar de todas as variações apresentadas por Sassaki, os autores deste projeto resolveram utilizar apenas o termo “pessoa cega”, atendendo a clara preferência de que se

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Capa de livro.

² Aluno líder do grupo e recém-formado do Curso Jornalismo, email: gugalberge@hotmail.com.

³ Recém-formada do Curso Jornalismo, email: pa_hwerner@hotmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: teoriacastro@yahoo.com.br.



coloque o substantivo “pessoa” antes da condição de cego, primazia observada nas entrevistas realizadas com pessoas cegas e outras relacionadas a elas.

Isto posto, segundo dados do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, em torno de 1,1 milhões de brasileiros – cerca de 0,6% da população – sejam cegos. Assim como muitas pessoas com outras deficiências, essa parcela da sociedade sofre com o preconceito em diversos aspectos – social, mercado de trabalho, relações pessoais, entre outros. Estatística que despertou o interesse em realizar uma capa que transmitisse a imagem de que o preconceito não deve existir. Pois, espera-se que através de uma autopercepção do leitor, este não consiga distinguir pessoas cegas e videntes ao olhar a capa.

Mas, além de estatísticas, é importante lembrar que, ainda na pré-história, mesmo que por ditas questões de sobrevivência, a visão de que o corpo deveria estar em perfeitas condições podia ser evidenciada no modo como descartavam crianças com enfermidades. Mais que isso, tais acontecimentos eram ligados a espíritos malignos ou castigos dos deuses (SILVA, 1987 citado por VIEIRA, 2006, p. 3).

Com o passar do tempo, esse preconceito permaneceu incutido na sociedade, mesmo que de formas diferentes (sem o extermínio), mas com o mesmo intuito, a exclusão. “[...] ter uma deficiência significa crescer numa sociedade de rejeição e de exclusão de certas experiências que fazem parte do desenvolvimento normal” (VIEIRA, 2006, p. 84-85).

Não se pode negar a existência de leis que garantam os direitos às pessoas com deficiência, mas, seguindo o pensamento de Vieira, isso não basta e “a exclusão social somente deixará de existir quando os deficientes forem considerados como seres humanos, tratados como cidadãos e ocupando os mesmos espaços, ou seja, a verdadeira inclusão [...]”, (2006, p. 41-42)

Para combater todo esse preconceito, é necessário que haja a aproximação entre pessoas cegas e videntes. Com a convivência, é possível enxergar o quanto a pessoa cega não corresponde à ideia de incapacidade. Assim como todos, ela encontra dificuldades para determinadas tarefas e facilidades na execução de outras (CADERNOS, 2001, p. 5). A única diferença entre pessoas cegas e videntes é o fato de que uma vê e a outra não vê, nada mais que isso (MILLECCO, 2004, p. 45). Entretanto, a aproximação desses dois mundos é algo que ainda não acontece na sua plenitude.

Nesse sentido, os veículos de comunicação de massa têm um papel importante como “agentes facilitadores dessa troca de informações” para fomentar esse diálogo (MÍDIA, 2003, p. 6). É nessa perspectiva que o livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” se encaixa, tendo como principal objetivo ser o mediador que possibilite o diálogo entre



essas comunidades e que o resultado disso seja a melhora na qualidade de vida da pessoa cega.

O livro-reportagem conta sete histórias de pessoas cegas visando a desmistificação acerca de suas limitações. As narrativas, baseadas em entrevistas, visam expor o cotidiano delas que, mesmo com a limitação, levam uma vida igual a de qualquer um.

Nesse sentido, a capa é um ponto forte, pois visa usar da linguagem fotográfica para transmitir a ideia principal do livro, a de que não existe diferença entre pessoas cegas e videntes.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem “Eu não tinha visto por esse lado” visa promover uma reflexão sobre as histórias apresentadas e o conhecimento da realidade das pessoas cegas para toda a sociedade, visando a quebra de preconceito e modificação de visões equivocadas.

Dessa forma, buscou-se, também a elaboração de uma capa que seguisse por essa linha de pensamento, algo que contribuísse no reforço do conceito principal de que todos são iguais.

3 JUSTIFICATIVA

O conceito da capa partiu do dado, já mencionado, do Conselho Brasileiro de Oftalmologia que afirma que 0,6% da população brasileira é cega. Fizemos os cálculos necessários para concluir que se temos sete personagens, seriam necessárias mais de mil e trezentas fotos de pessoas que enxergam para se fazer jus à estatística. No entanto, verificou-se a inviabilidade desse trabalho tanto no ato fotográfico, quanto no tamanho que elas teriam na capa – que seria incapaz de mostrar detalhes identificáveis dos fotografados. Reduzimos, então, até chegarmos em um coeficiente possível de se fotografar e que traria uma disposição agradável na diagramação. De qualquer forma, o conceito inicial permanece de que, mesmo aumentando a proporção de pessoas cegas para videntes – que ficou em aproximadamente 4%, quase sete vezes maior que a estatística supracitada –, são imperceptíveis as diferenças.

Além desse conceito, também procurou-se “brincar” com a ideia de que pessoas cegas sempre usam óculos escuros. Algumas pessoas tiraram com, outras sem. É importante observar que nenhum dos personagens do livro está usando óculos escuros, não de propósito, mas pelo simples fato de que eles não têm o hábito de utilizar esse acessório.

Sobre essa preocupação em elaborar uma capa fundamentada, Collaro (1996, p. 131) diz que ela “deve receber um tratamento especial, contendo suas mensagens e o máximo de síntese do conteúdo do livro, tanto no título como na ilustração”. Percebe-se, então, que os autores buscaram justamente isso: trabalhar com os elementos alinhados de tal maneira que exprimam o objetivo e o conteúdo do livro. Mais do que isso, a capa é mais uma ferramenta de combate ao preconceito, uma forma ilustrada de tentar mostrar que, entre pessoas cegas e videntes, diferença não há.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Alguns detalhes técnicos nortearam a elaboração da capa, tais como a utilização de estúdio fotográfico para que as fotos seguissem o mesmo padrão de iluminação e boa qualidade. Também foi levado em consideração o aspecto estético da capa. Optou-se por duas cores de fundo (branco e preto), para a criação de um efeito visual diferente de um fundo inteiro em apenas uma cor.

Depois de decidido todo o conceito da capa do livro-reportagem e questões técnicas, elaborou-se um roteiro de como executar todas as fotos pretendidas e um documento de autorização de uso de imagem. Por vezes, foram reservadas horas de estúdio fotográfico. No início, o tempo foi dedicado para testes de iluminação e recorte ideal. Num segundo momento, alunos e professores da Universidade Positivo foram convidados para as efetivas fotos que comporiam a capa. Porém, essa mobilização não foi suficiente e, como previsto no roteiro, precisou-se de outra locação em que fosse possível encontrar mais pessoas dispostas a serem fotografadas. Como o refeitório para funcionários da Universidade Positivo possui grande circulação de pessoas, os autores optaram por montar o estúdio nesse local.

Com relação às fotos dos personagens do livro-reportagem, a intenção inicial era que eles se locomovessem até o estúdio da Universidade Positivo para seguirmos os mesmos padrões de iluminação e demais questões técnicas. Mas, por conta de agendas ocupadas e dificuldades de chegar até a universidade, os autores transportaram os acessórios do estúdio e montaram nos lugares marcados com os entrevistados. Dessa forma, foi possível concluir a realização dos retratos.

Com todas as fotos reunidas, partiu-se para o trabalho de edição das imagens. O programa utilizado para correções de pequenas variações de iluminação e retirada das marcas de *flash* nos óculos escuros foi o Adobe Photoshop.

As imagens foram salvas em tamanho e formato adequado para a montagem da capa e, durante essa etapa, foi preciso o uso do *software* Adobe InDesign. Nele, inseriu-se as imagens com o cuidado de apenas “misturar” os personagens entre as demais 173 pessoas.

Todo o processo, desde a elaboração de roteiro até o término da diagramação, levou em torno de quinze dias para ser concluído.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A capa é colorida e está no formato A5 com orientação vertical. O papel escolhido é o couché, 270g.

A capa do livro é composta por 180 fotos de pessoas diferentes. A intenção, como dita anteriormente, é reforçar a ideia de que pessoas cegas são iguais a todas as outras. Por isso, colocou-se as fotos dos sete personagens do livro distribuídas por toda a capa. Além dessas sete fotografias, outras 173 – de pessoas que enxergam – completarão os espaços vazios. Ou seja, olhando para a capa já não será percebida a diferença entre uns e outros.

A fonte escolhida para a o título é a Moderne, tamanho 26, e para o nome dos autores é a Trajan Pro, 11. O título “Eu não tinha visto por esse lado” é o que os autores esperam que os leitores concluam ao ler o livro. Afinal, como sempre foi abordado, quer-se, com este trabalho, desmistificar a cegueira e mostrar que pessoas cegas são iguais a todas as outras.

6 CONSIDERAÇÕES

O primeiro ponto para se destacar é a satisfação dos autores em perceber que a capa, de fato, está alinhada com o objetivo proposto, o de transmitir o conceito de igualdade entre pessoas cegas e videntes.

O processo, logicamente, foi trabalhoso e, por isso, é válido dizer que contribuiu para a formação de um novo pensamento. Os autores, agora, reconhecem que a capa de um livro não é apenas um detalhe estético e de atração para leitores, mas parte integrante do conteúdo e, por isso, carregada de conceitos e informações úteis e construtivas.

Enfim, todo esse projeto foi um grande aprendizado: como jornalistas e como cidadãos. Desde o início da produção do livro-reportagem até a finalização da capa, nos deparamos com novas situações nos campos técnico, emocional e social.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CADERNOS Tv Escola Deficiência Visual. Marta Gil (Org.). Brasília: MEC. Secretaria de Educação à Distância, 2001. 80p.

COLLARO, A. C. **Projeto Gráfico: teoria e prática da diagramação**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1996. 173p.

MÍDIA e deficiência. Veet Vivarta (Org.). Brasília: Andi. Fundação Banco do Brasil, 2003. 184 p. Disponível em: <http://www.andi.org.br/_pdfs/Midia_e_deficiencia.pdf> Acesso em: 01/06/2010

MILLECCO, L. A. **Olhos de ver: o desafio da cegueira**. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004. 96p.

SASSAKI, R. K. Terminologia Sobre a Deficiência na Era da Inclusão. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo – Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2003. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/portal.php/informacoes/terminologia>>. Acesso em: 12/04/2010

VIEIRA, C. S. Alunos cegos egressos do Instituto Benjamin Constant (IBC) no período de 1985 a 1990 e sua inserção comunitária. 2006. 364 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Departamento de Ensino, Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.bvsam.ict.fiocruz.br/teses/csvieira.pdf>>. Acesso em: 09/04/2010